

PAPO DE SAPO: UMA POSSIBILIDADE DE LEITURA PLURILÍNGUE A PARTIR DO GÊNERO CORDEL

PAPO DE SAPO: A POSSIBILITY OF PLURILINGUAL READING FROM THE CORDEL GENRE

Naelza de Araújo Wanderley¹
Ana Maria Henrique de Souza²

Desenvolver atividades que envolvam a leitura literária em sala de aula, especificamente a literatura de cordel, é compreender um pouco mais sobre o passado e sobre o presente de todos aqueles que tiveram sua infância embalada pelo recitar de versos que ecoam na memória de cada um. (Wanderley)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo apresentar a leitura plurilíngue enquanto caminho para a mediação da literatura de cordel no espaço escolar a partir do folheto *Papo de Sapo*, de Hadoock de Aninha. As reflexões estão fundamentadas em estudiosos como Pinheiro (2013, 2020), Bradesco-Goudemand (1982), Giroto; Souza (2010), Rouxel (2013) e Bakhtin (1990). A pesquisa é de natureza qualitativa. Como resultados, destacamos a vivência da poesia de cordel em sala de aula como relevante para a motivação e o desenvolvimento do gosto pela leitura literária através desse gênero, o qual se mostrou capaz de aguçar os sentidos das crianças, possibilitando uma leitura autônoma e prazerosa.

Palavras-chave: leitura plurilíngue, cordel, estratégias de leitura.

ABSTRACT

This research aims to present plurilingual reading as a path to the mediation of cordel literature in the school space, based on the pamphlet *Papo de Sapo*, by Hadoock de Aninha. It is based on scholars such as Pinheiro (2013, 2020), Bradesco-Goudemand (1982), Giroto; Souza (2010), Rouxel (2013), Bakhtin (1990). The research is qualitative in nature. As results, we highlight the experience of cordel poetry in the classroom as relevant for the motivation and development of a taste for literary reading through this genre, which has proven capable of sharpening children's senses, enabling autonomous and pleasurable reading.

Keywords: Plurilingual reading, cordel, reading strategies.

¹ Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), *campus* Campina Grande. Doutora em Letras pela UFPB. E-mail: naelzanobrega@gmail.com

² Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE/UFCG), *campus* Campina Grande. Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG. E-mail: ana.henrique@estudante.ufcg.edu.br

Introdução

Oriunda da Península Ibérica e trazida pelos colonizadores ainda no Brasil Colonial, a Literatura de Cordel foi disseminada principalmente na região nordeste, poetizada em ruas e praças e, inicialmente, comercializada em lugares públicos, como feiras, mercearias e barracas. Nesse contexto, essa poesia encontra em terras brasileiras um ambiente propício para sua consolidação e permanência. Logo, observamos que o gênero pode oportunizar aos leitores autonomia e prazer, bem como perspectivas distintas em relação às formas de construção de sentido e de historicidade, uma vez que os cordéis trazem saberes originários da realidade social e das vivências cotidianas de determinados grupos.

No que se refere à formação de leitores, a partir da mediação do gênero cordel em sala de aula, os estudos disponíveis evidenciam que ele constitui importante contribuição. No entanto, precisa ser compreendido como literatura e não como “cartilha” a ser seguida. Esse gênero poético é uma produção artística que precisa ganhar mais espaço em sala de aula, não só como recurso que auxilia na abordagem dos conteúdos das disciplinas, mas numa perspectiva metodológica de valorização do leitor.

Dessa maneira, compreendemos a literatura de cordel como um gênero favorecedor de oportunidades para a construção da capacidade leitora, pois essa literatura abarca uma diversidade de temas que, se adaptados a diferentes propostas metodológicas, propiciam o despertar do gosto pela leitura literária.

Assim, compreendemos que a leitura plurilíngue, enquanto prática que prevê a mescla de textos de diferentes áreas do conhecimento e em diferentes linguagens, também pode ser apresentada como mais uma das possibilidades de mediação do cordel em sala de aula. No caso do cordel em estudo, intitulado *Papo de sapo*, além da linguagem literária, também se faz presente no texto outra linguagem muito próxima de áreas da Educação Ambiental e a Biologia, de forma que a abordagem desse texto em sala de aula possa contribuir para a formação de leitores fruidores, aqueles que, segundo Coracini (2005, p. 25), são capazes de se implicar no texto, fazendo relações entre o lido e o vivido.

A partir de concepções como a que foi apresentada anteriormente, acreditamos no caráter formador da Literatura de Cordel, visto que o gênero em questão abarca uma diversidade de temas que podem despertar na criança o gosto pela leitura literária, como

por exemplo, a partir da abordagem de textos com a temática dos animais que muitas vezes é contado sob a perspectiva de um tempo imemoriável, no qual os bichos podiam falar. Essa matéria sempre mexeu e mexe com o imaginário infantil. No interior do referido ciclo, ainda podemos destacar, no cordel contemporâneo, aqueles que usam como temática principal de seus versos a natureza e os males a ela causados pelo homem, uma atitude constantemente abraçada por diversos poetas.

Essa postura, presente em algumas narrativas poéticas de folhetos e livros de cordel, possibilita o favorecimento não somente da leitura literária em sala de aula, mas também discussões transversais, de forma que a comunicação e o conhecimento de mundo dos leitores possam ser ampliados. Assim sendo, apresentamos, neste trabalho, uma proposta de leitura plurilíngue desenvolvida a partir do cordel *Papo de Sapo*, escrito pelo poeta contemporâneo conhecido no meio artístico por Hadoock de Aninha.

Hadoock Ezequiel de Araújo (Hadoock de Aninha) dedica-se a escrever poesia popular. Nasceu em 1982, em Caicó-RN, mas passou sua infância e adolescência na cidade de São João do Saboji-RN. Segundo Pinheiro (2020), o autor, desde jovem, dedica-se à escrita de versos populares e às artes plásticas, além disso, é xilogravurista, faz esculturas em madeira, argila e sabão, sendo o criador da *Folheteria de Cordel*, situada na cidade de Currais Novos-RN. Lá, o poeta divulga seu trabalho e permite que outros poetas da região também façam o mesmo, ajudando a manter viva a tradição da criação e produção de folhetos.

O Cordel *Papo de Sapo* foi publicado em 2018, no formato de folheto, com quatro páginas. O texto possui 16 sextilhas (estrofes com 6 versos); quanto à métrica, os versos são redondilhas maiores (versos com 7 sílabas poéticas), com o esquema rítmico XAXAXA, ou seja, apenas os versos pares contêm rimas, deixando órfãos os versos ímpares.

A escolha por esse texto justifica-se, essencialmente, por dois motivos: o primeiro por ser um dos cordéis escolhidos para desenvolver a nossa pesquisa de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande. E o segundo motivo é pela proximidade, que acreditamos existir, entre a Literatura de Cordel e a poesia para crianças, além de se tratar de um texto que contempla versos com sete sílabas, o que, segundo Pinheiro (2020, p. 129),

cria “bastante proximidade do folheto à fala”, pois “trata-se de um tipo de verso bastante presente na fala cotidiana das pessoas”.

Uma leitura plurilíngue em sala de aula com o cordel *Papo de Sapo*

O termo utilizado para referenciar o gênero cordel é relativamente novo, visto que, segundo Melo, Silva e Galvão (2020, p. 54), até o final dos anos de 1960, a expressão cordel não era usualmente utilizada para designar essa produção artística. Entretanto, alguns estudiosos acabaram dando aos folhetos brasileiros “O epíteto ‘literatura de cordel’ [...] como forma de atribuir uma gênese portuguesa a essa forma de poesia impressa, produzida e consumida no Brasil” (MELO; SILVA; GALVÃO, 2020, p. 53-54).

A Literatura de Cordel é uma produção artística, que desperta no leitor a curiosidade, uma vez que a poesia tem esse poder de envolver e fascinar com sua rima, ritmo e sonoridade, independentemente do grupo social envolvido. O gênero emerge da oralidade e é escrito em uma linguagem próxima à utilizada pelo povo. Dessa forma, faz com que os leitores identifiquem-se com os enredos e tenham uma boa receptividade dos textos.

Sob esse viés, observamos que o gênero precisa ganhar mais espaço nos contextos das instituições de ensino, pois a leitura em sala de aula, que envolve a literatura de cordel, pode proporcionar momentos divertidos, deixando a aula mais dinâmica, uma vez que a mediação a partir dessas obras literárias mostra-se como um caminho metodológico que foge do habitual, que é a leitura mecânica dos textos presentes nos livros didáticos, trabalhados com maior frequência em sala de aula.

Sobre a escola como espaço para a leitura dos folhetos de cordel, Pinheiro (2013, p. 41) afirma que a sala de aula parece, sim, um espaço “bastante adequado” para o desenvolvimento dessa vivência e que, uma vez realizada a mediação do cordel nesse espaço, esse gênero “pode contribuir decididamente para a formação de leitores”.

Assim sendo, acreditamos que uma das abordagens temáticas do cordel, que pode ser amplamente trabalhada no espaço escolar, está presente nos folhetos que versam sobre os animais, uma vez que essa poesia encontrou suas mais fecundas e originais expressões em ciclos, a exemplo do ciclo dos animais. Nas narrativas que fazem parte desse ciclo, tanto as mais antigas quanto as mais atuais, os

personagens/heróis não são animais comuns, que agem como os demais, eles são apresentados pelos poetas, como:

[...] autênticos, como se tivessem existido, com todas as referências possíveis, sua origem, seus proprietários, suas proezas, seu fim, mas nem por isso deixam de ser sobrenaturais, pelos seus dons físicos e seus liames manifestos com as forças do Bem e do Mal. (BRADESCO-GOUDEMAND, 1982, p. 20)

Os poetas cordelistas também se voltam para uma tradição recorrente em toda a literatura, na qual as histórias sobre os animais apresentam ao leitor seres que assumem comportamentos, sentimentos e reações muito próximos daqueles apresentados pelos seres humanos. O cordelista, em sua poesia narrativa, também dá voz a um animal que se apresenta como uma espécie de personagem, o qual assume uma fala e um papel socialmente definidos, que personificam as intenções do próprio autor.

Nesse sentido, sob o véu da fantasia, de um tempo em que os bichos falavam, há um discurso que visa não somente o prazer proporcionado através da leitura dos versos, mas também a instrução e a reflexão acerca de determinada realidade. Essa é também uma forma de introdução e organização do plurilinguismo, “o discurso dos personagens”, de acordo com Bakhtin (1990, p. 119), que afirma ser este um aspecto comumente utilizado no romance.

Ao citarmos a teoria bakhtiniana, cabe esclarecer que o termo “plurilinguismo” também reporta ao modo como os seres humanos modificam o discurso para que ele seja adequado a diferentes contextos de enunciação. Um fenômeno que comporta não apenas textos que, simultaneamente, apresentam diferentes línguas, mas também aqueles escritos em um só idioma, como é o caso do poema narrativo aqui apresentado.

Desse modo, o plurilinguismo é também entendido, neste estudo, como a manifestação de diferentes vozes, pertencentes ao mundo real e que são “adaptadas” na fala do personagem Sapo, que, de seu “lugar social”, articula e particulariza a linguagem, de forma que adequa o seu discurso a um contexto de enunciação e à voz do próprio autor.

No folheto *Papo de Sapo*, o cordelista volta-se para uma visão realista acerca do contexto apresentado pela narrativa poética, articulado através da fala daquele que se coloca como representante do sofrimento imposto a sua espécie e a toda a natureza pelo

comportamento do homem. O cordel versa sobre um sapo que não compreende o motivo de ser tão odiado pelos homens, visto que o desrespeito à natureza e a sua degradação é resultado das ações humanas. Ao final da narrativa poética, a questão inicial não chega a ser respondida, pois, no desfecho do enredo, uma situação inusitada e, ao mesmo tempo, trágica, acontece, de forma que é ratificada a maldade e a crueldade, que, segundo o personagem, emana do peito humano.

Como característica do gênero, o tempo é referido como incerto, “um certo dia”, relacionado a um passado remoto, difícil de ser situado em uma linha cronológica. Esse aspecto da narrativa poética apresenta-se ao leitor de uma forma bastante peculiar, pois, ao mesmo tempo em que sugere a ideia de um tempo longínquo, nas estrofes iniciais do folheto, conduz o leitor ao reconhecimento de um contexto que é vivenciado também no presente, ou seja, o homem desrespeita a natureza e o animal sapo há muito tempo.

Há, por parte do narrador, um afastamento do discurso, postura que sugere ao leitor objetividade e distanciamento em relação aos fatos narrados. Assim, o discurso é produzido, inicialmente, em terceira pessoa (“um pobre sapo coitado”), em um tempo indefinido (“um certo dia”) e em um espaço que já é apresentado nos primeiros versos do folheto, como: “uma barroca cheia / De água suja de esgoto / Rodeada de areia”. (ANINHA, 2018, p. 01). Essa postura do narrador sugere ao leitor uma ideia de distanciamento dos fatos. Entretanto, não se trata de uma história particularizada, mas de acontecimentos e personagens que podem ser reconhecidos no cotidiano de cada um.

No que se refere à linguagem, está pautada em uma “mistura de linguagens”, que apresenta como efeito a proximidade com uma poesia voltada para a realidade e para a reflexão do leitor acerca do comportamento humano, diante da natureza e dos animais, no caso do folheto, o sapo. Para tanto, o narrador permite que esse animal tenha voz e expresse toda a sua dor e incompreensão em relação ao comportamento humano diante da natureza. A fala dessa personagem ocupa quase metade das estrofes que compõem o folheto.

O discurso direto é utilizado para dar voz à personagem que fala de sua realidade enquanto ser que sofre as atrocidades impostas pelo homem, não somente a sua espécie, mas a toda a natureza, que é o seu habitat. É dessa forma que o narrador traz, para a sua narrativa poética, o discurso do “real”, através da fala “imaginária” de um animal.

Como podemos notar, existe um entrelaçamento entre o “real” e o “imaginário”. Porém, ao contrário do que é colocado pelos princípios do senso comum, ambas as concepções caminham lado a lado, desmistificando a ideia de que as ações são impenetráveis.

Em consonância com essa assertiva, Held (1977) coloca que:

[...] razão e imaginação não se constroem uma contra a outra, mas, ao contrário, uma pela outra. Não é tentando extirpar da infância as raízes da imaginação criadora que vamos torná-la racional. Pelo contrário, é auxiliando-a a manipular essa imaginação criadora cada vez com mais habilidade, distância. O que supõe, quase sempre possível, mediação do adulto, diálogo. [...]. É capital, entre outras, a leitura da história em voz alta. Pois é a voz do adulto que não só informa a criança quando poderá haver inquietude, mas a auxilia também, por suas entonações, a traçar a linha de demarcação entre o real e o ficcional, a prender o humor de um texto em vez de tomá-lo “ao pé da letra”, que prepara, enfim, esse verdadeiro leitor que será capaz de uma leitura “entrelinhas”, que é a verdadeira leitura. (HELD, 1977, p. 48-49).

Ainda, segundo a autora, a literatura, enquanto arte, atrai o leitor de maneira genuína, sem esperar um retorno ao mundo real, que pode acontecer ou não imediatamente. Nesse contexto, a imaginação requer mediação e diálogo, para cultivar a ampliação do repertório infantil.

Observemos que os recursos utilizados pelo poeta, no folheto *Papo de Sapo*, remetem o leitor não somente à fantasia que circunda as narrativas em que os animais têm a capacidade de falar, mas também à reflexão acerca de todo um contexto de maus tratos ao sapo e a toda a natureza. Observemos ainda que, no caso dessa espécie, há todo um conjunto de narrativas que colocam esse animal/personagem como vítima, até mesmo de encantamentos, como pode ser presentificado pelo leitor.

Assim sendo, ratificamos a ideia de que a riqueza estilística da Literatura de Cordel, permeada por sua multiplicidade de linguagens e de temas abordados, configura-se, no espaço escolar, como contribuição significativa para as discussões que envolvem não somente a mediação da literatura em sala de aula, mas a formação do leitor, em sentido amplo. Acreditamos que a aproximação entre criança e o texto literário possibilita “alimentar” o imaginário infantil, permitindo que as crianças vivenciem situações diferentes de acontecimentos da sua realidade, mas que ganham sentido, mesmo após a leitura ser finalizada.

Um *Papo de sapo* em sala de aula: delineamento de um caminho a ser seguido

Ler é uma ação que está integrada a outros aspectos da nossa vida. Segundo Giroto e Souza (2010, p. 67), ler em voz alta faz com que o leitor realize conexões com experiências vivenciadas por ele em outro momento. Ao fazê-lo, o leitor tenta entender o que está sendo lido, dando significado à ação.

Menezes e Zyngier (2022, p. 105), em *A literatura na sala de aula: estudo empírico sobre a formação do professor*, destacam que, ao contrário do que muitos dizem e pensam, a formação de leitores está ligada muito mais à metodologia empregada que a escolha de textos clássicos da literatura. As autoras afirmam ainda que “o problema não resulta necessariamente da escolha dos textos canônicos, mas da didática da literatura”.

Logo, entendemos que a inserção dos textos literários, a exemplo dos da Literatura de Cordel em sala de aula não é suficiente para despertar na criança o entusiasmo e interesse pela leitura, tampouco pode ser um momento ocasional usado apenas para o preenchimento do tempo. O trabalho com os textos de cordel, assim como com qualquer outro texto, requer intencionalidade e planejamento.

Assim, a mediação docente é um processo de interação entre aluno/professor que faz parte do processo de ensino aprendizagem, estabelecendo uma relação de confiança e empatia. Para que o trabalho com a literatura de cordel junto às crianças em sala de aula aconteça de maneira favorável e satisfatória é necessário o comprometimento do docente quanto à seleção, leitura prévia e escolha por uma metodologia que seja dinâmica e atrativa às crianças.

Após essa reflexão, faz-se necessário destacar a capa do folheto em estudo e, em seguida, o seu texto integral, possibilitando um encontro efetivo com o cordel *Papo de sapo*.

Figura 1 – Capa do folheto



Fonte: (ANINHA, 2018).

Papo de Sapo

Um pobre sapo, coitado
Vivia em sua aldeia
Socado dentro da lama
De uma barroca cheia
De água suja de esgoto
Rodeada de areia.

Ali passava as horas
Com seus velhos companheiros
Aqui e acolá ele saía
Pra se alimentar nos terreiros
Comendo besouros que achava
No tronco de uns coqueiros.

Entretido, um certo dia,
O pobre sapo, coitado
Afastou-se dos amigos
E foi parar num sobrado
De um homem muito rico
Muito elegante e educado.

Porém sua educação
Não tinha grande nobreza
Servia como uma máscara
Pra aquela sua riqueza
Pois não tinha aprendido
Respeitar a natureza.

Quando viu aquele sapo
Passeando pelo chão
Na sua área coberta
Encheu-lhe o coração
De raiva, de ódio e nojo
Sem nenhuma educação.

E não pensou duas vezes
Foi logo lhe maltratando
O pobre do animal
Com pontapés foi chutando
Empurrando com a vassoura
Para fora escoltando.

O pobre sapo ficou
Mole como linguíça
Tentando entender o porquê
Daquela grande injustiça
Ou o homem não pensava
Ou tinha muita preguiça.

Sentou-se então numa pedra
Em frente aquela morada
Olhando fixo nos olhos
Começou em disparada
A conversar com o homem
Sentado numa calçada.

E disse assim para ele:
— Meu Deus! Por que sofro assim?
Vivo fazendo o bem
Ninguém tem pena de mim!
Sou o bicho mais odiado
Neste mundaréu sem fim.

É porque eu tenho a boca
Um pouco grande e rasgada?
Os olhos são como bilas
A pele um pouco enrugada?
Não vejo motivo nenhum
Pra essa raça ser odiada.

Assim como o homem aprende
Nas escolas da cidade
A gente também ensina
Na nossa Universidade
Que se chama natureza
Onde ensina de verdade.

Eu não sei porque o homem
Tem tanta raiva da gente
Nós só vivemos nas águas
O nosso próprio ambiente
Um lugar que vocês jogam
A sujeira e o poluente.

Não temos mais o habitat
Natural em que vivemos
Pois o homem degradou
E assim nós não podemos
Vivermos em harmonia
No lugar que nós queremos.

Foi por isso que a gente
Mudou-se para a cidade
Pra vivermos nos esgotos
Sofrendo com a maldade
Que emana do seu peito
Repleto de crueldade.

E muito tristonho ficou
Com o olhar esbugalhado
Tentando dizer pro homem
Que era um pobre coitado
Pois nunca ofendeu ninguém
Pra ser assim maltratado.

Os minutos se passaram
E o homem observava
Aquele sapo coaxando
Sem saber o que ele falava
Jogou o sapo na rua
Na hora que um carro passava.

(ANINHA, 2018).

A leitura, conforme a perspectiva de Marcuschi (1988, p. 93), é uma atividade de construção de sentido, bem como uma prática social, que propõe a interação entre diversas perspectivas, as quais ultrapassam a atividade de mera decodificação, sendo ela uma ação baseada na cooperação. Autor e leitor são sujeitos sociais produtores de sentidos e o texto se abre a diversas interpretações.

Ainda sobre essa relação de cooperação, o autor esclarece que:

Os efeitos de sentido são produzidos pelos leitores ou ouvintes na relação com os textos, de modo que as compreensões daí decorrentes são fruto do trabalho conjunto entre produtores e receptores em situações reais de uso da língua. O sentido não está **no leitor**, nem **no texto**, nem **no autor**, mas ele se dá como um efeito das relações entre eles e das atividades desenvolvidas. Neste caso, ele apresenta um alto grau de instabilidade e indeterminação por ser um sistema complexo e com muitas relações que se completam na atividade enunciativa. (MARCUSHI, 1988, p. 93).

Acreditamos, portanto, que a Literatura de Cordel dispõe de aspectos singulares, que podem favorecer o desenvolvimento de habilidades fundamentais na construção de sentidos. Nesse processo, caberá ao leitor fazer uso de estratégias que serão ativadas no ato da leitura, favorecendo a compreensão do texto. Para tanto, a criança leitora precisará da mediação do professor na preparação de atividades de leitura, questionamentos e direcionamento de interpretações.

Tomando como ponto de partida esses pressupostos, apresentamos aqui, como sugestão metodológica que pode contribuir para a realização de uma leitura plurilíngue em sala de aula do folheto de cordel *Papo de Sapo*, de Hadoock de Aninha, as cinco estratégias de leitura, propostas por Girotto e Souza (2010), quais sejam: as conexões, a inferência, a visualização, a sumarização e a síntese.

Para as pesquisadoras, essas estratégias podem ser trabalhadas em sala de aula por meio de “oficinas de leitura”, sendo relevantes recursos pedagógicos, pois podem

possibilitar ao educador fazer a mediação entre a obra e os leitores de forma sistematizada e proveitosa para todos os participantes das atividades.

Segundo as autoras, as oficinas são

Momentos específicos em sala de aula em que o professor planeja o ensino de uma estratégia. Nessas oficinas, há uma ambientação intencionalmente planejada. As crianças leem uma variedade de gêneros textuais, poesia, por exemplo, para aumentar o interesse e o desejo por esse gênero [...]. (GIROTTTO; SOUZA, 2010, p. 59).

Desse modo, para a organização do uso das estratégias de leitura, sugerimos partir de um planejamento a ser desenvolvido em um período de aproximadamente 60 minutos, organizado da seguinte maneira: o primeiro momento corresponde à aula introdutória, com o tempo girando em torno de 5 a 10 minutos. Aqui, professor deve realizar uma breve explanação para a turma sobre a estratégia eleita para a dinâmica da aula. Assim, o docente exemplifica, verbalizando seus pensamentos, lendo para a turma em voz alta, ao mesmo tempo em que mostra para os alunos a maneira como deve ser observado o texto no ato da leitura, a fim de que as conclusões acerca do texto sejam atingidas. Aqui, o mediador pode fazer perguntas aos alunos, de modo que consigam criar mais intimidade com o texto e possam realizar conexões. Poderia, por exemplo, ser perguntado aos alunos sobre o seu conhecimento acerca da “função do sapo para a natureza”, ou ainda sobre a opinião de cada um sobre “o porquê de a imagem do sapo sempre ser associada a algo negativo”. Com isso, estaremos estimulando a participação ativa da criança na oficina.

Diante dessa ação, o mediador deve organizar atividades para que as crianças possam desenvolver os processos mentais a serem utilizados no ato da leitura, de forma que atribuam sentido ao que leem. Entendendo essa dinâmica, o aluno consegue usar conscientemente essas estratégias e, possivelmente, melhorar sua compreensão leitora.

O segundo momento da oficina diz respeito à prática guiada e à leitura independente. O tempo destinado a essa etapa pode ocorrer entre 35 a 50 minutos. A prática guiada, segundo as autoras, sugere a criação de grupos em sala, em que os alunos podem ir mudando de equipe, conforme a necessidade. Cada grupo realiza, silenciosamente, a leitura do folheto *Papo de Sapo*, apresentado anteriormente pelo professor, e realizam as atividades propostas pelo docente, de acordo com os objetivos da aula.

Uma vez realizadas as leituras, o mediador propõe um debate entre os integrantes do grupo, cuja discussão pode ser mediada via roteiro apresentado pelo professor e todos são convidados a participar, mas não há obrigatoriedade de fala. Nesse momento de reflexão e diálogo, pode haver uma leitura compartilhada em que o professor, junto aos alunos, pratique as estratégias, possibilitando, assim, a construção dos sentidos para a obra lida, através das discussões realizadas.

Durante o processo de partilha, o professor é o mediador e estimula as crianças a se encontrarem dentro do texto, para que usem as estratégias já conhecidas e avancem, buscando novas habilidades, que ajudarão na construção da interpretação. Posteriormente ao exercício de compreensão, pode-se solicitar a socialização oral ou por escrito (diário de leitura), porém, nesse momento, é importante que os alunos/leitores falem das estratégias utilizadas por eles na leitura. Para isso, o professor poderá planejar um trabalho de sistematização, que pode ocorrer, por exemplo, por meio de cartazes ou mapas mentais da história contada no folheto de cordel.

Já a leitura independente, última etapa da oficina, consiste na prática das estratégias, porém, sem a ajuda do professor. Aqui, os alunos precisam realizar a leitura, fazendo uso das estratégias, lendo individualmente e silenciosamente, seguindo as orientações do professor sobre como ela deve ser realizada. Para tanto, Giroto e Souza (2010) sugerem o uso do *post-its*, que são blocos de anotações, cujas folhas são coloridas e autocolantes, ou de lápis e papel, para as anotações sobre o texto. Nessa fase, o mediador, juntamente com os outros alunos, podem contribuir com *feedbacks* e, durante a leitura, convidar, individualmente, os discentes para compartilharem informações sobre o texto lido. Esse exercício é relevante, visto que se utiliza da estratégia de inferências, em que a criança vai ligando o que está sendo lido a sua experiência pessoal.

Por último, é feita a avaliação, que pode durar de 5 a 10 minutos. Esse momento é marcado por uma discussão sobre o valor da oficina de leitura, sua utilidade para a proposta apresentada pelo mediador, além de ser possível observar a recepção dos alunos, a possibilidade de continuidade ou não dessa prática e, principalmente, a reflexão sobre os horizontes de expectativa, se foram ou não atendidos/ampliados. Nessa etapa, o professor retoma a leitura para refletir sobre “o quê”, “para quê”, “como” e “em que momento” os alunos utilizaram as estratégias de leitura.

Observemos que o modelo de oficina aqui apresentado reforça o papel do professor como mediador no processo de aprendizagem, pois apenas a inserção da literatura em sala de aula não é suficiente para o aluno. São necessárias ações que instiguem a realização de uma leitura significativa, embasada em estratégias que tenham como objetivo oferecer atividades produtivas e prazerosas para o leitor. Acreditamos que, somente assim, tais propostas poderão contribuir para que as crianças, a partir da utilização consciente das estratégias de conexões, inferência, visualização, sumarização e síntese consigam compreender o que foi lido de maneira mais autônoma.

Nessa perspectiva, ao propor uma abordagem com o cordel em sala de aula, com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental, é essencial pensar a criança como sujeito histórico e social e o cordel como produção artística e cultural, sabendo que ambos são indispensáveis a nossa construção e valorização identitária.

Desse modo, há que se considerar que a Literatura de Cordel carrega consigo marcas da oralidade, enquanto tem como suporte a escrita, o que torna esse gênero um misto possível de ser estudado em seus aspectos de língua oral e escrita.

De acordo com Pinheiro (2020, p. 129), ao olharmos para a poesia destinada às crianças, aqui no Brasil, percebemos que muitos poetas bebem da fonte da literatura popular oral. Assim, podemos dizer que o cordel emerge do processo de evolução da oralidade para a escrita. Embora a escrita seja a base da criação, o gênero mantém forte vínculo com o oral.

Os folhetos de cordel são, normalmente, portadores de uma dupla marca: ostentam uma ligação forte com as narrativas orais, e, ao mesmo tempo, têm como suporte a escrita. No caso específico de cordéis publicados no Brasil, a predominância do verso de sete sílabas confere bastante proximidade do folheto à fala. (PINHEIRO, 2020, p. 129)

Segundo Ayala (1997, P. 161), o cordel apresenta-se com um estilo próprio, porém se nutre dessa mistura, passando a ser, segundo a estudiosa, um “processo de hibridização”. Conforme a autora, esse processo acontece da seguinte maneira:

O sério se mesclando com o cômico; o sagrado com o profano; o oral com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outra; o que é transmitido através dos meios de comunicação, oral ou escrito (rádio, televisão, jornal) e, ainda, por meio de livros,

pode vir a alimentar versos e narrativas populares orais ou escritos, sendo antes ajustados à sua poética. A literatura popular não conhece delimitações e é isso que torna difícil o seu estudo. Impossível compartimentá-la em gêneros, espécies, tipos rígidos; tampouco é possível definir quando e onde se encontra a literatura popular. Isto vale para as narrativas, para a poesia, para as representações dramáticas. Existe, mas não é visível para todos (AYALA, 1997, p. 168).

A luz das postulações feitas por Ayala (1997, p. 168), é possível inferir que o entrelaçar dos referidos elementos torna a literatura de cordel um gênero singular. O poeta cordelista realiza um trabalho minucioso em que existe uma transposição construída pelo autor, ou seja, as expressões presentes nos textos, feitas pelo narrador ou pelo personagem, assumem características puramente regionais.

Logo, a mediação docente tem importante papel na formação leitora das crianças, já que, na escola, o professor é a figura principal na aproximação entre os textos e os estudantes, uma vez que o educador participa diretamente desse processo, selecionando textos e planejando as atividades. Assim sendo, “o papel do professor não é mais transmitir uma interpretação produzida fora de si, institucionalizada” (ROUXEL, 2013, p. 28), ao contrário, é possibilitar meios para que o aluno consiga, a partir da mediação, desenvolver estratégias que facilitem o caminho da interpretação e da compreensão do texto.

Um *Papo de sapo* em sala de aula: caminho percorrido

A proposta metodológica de abordagem do texto de cordel em sala de aula, apresentada anteriormente, foi desenvolvida através de oficinas, em turmas do 5º ano de uma escola pública paraibana, e permitiu perceber, entre outras coisas, certa ausência de práticas de leitura que envolvessem a poesia popular na rotina escolar. Durante toda a nossa experiência, seja em conversas formais, seja em conversas informais, notamos que, muitas vezes, as barreiras para essa falta podem estar ligadas ao fato de os professores não apresentarem segurança ao abordar esse tipo de texto em sala de aula, pois o gênero literário escrito em verso “[...] carece de mais cuidados do que o texto em prosa”. (PINHEIRO, 2018, p. 21).

Nesse sentido, a escolha por textos em cordel com conteúdos não literários é considerada, por alguns professores, como “ideal” para o trabalho em sala de aula. Sua

concepção informativa prioriza a memorização mecânica e tem como intuito desenvolver uma linha em que a criança saiba falar sobre o autor e sobre as informações de que trata o enredo, mas, de maneira geral, sem que ele, enquanto leitor, aprecie esteticamente a obra, ou se posicione inteiramente sobre o gostar ou não do que está lendo.

Outro ponto que consideramos como entrave para a abordagem da poesia de cordel são os recursos limitados que os professores adotam, pois se recorre, na maior parte do tempo, a apenas uma estratégia que tem como ponto de partida os textos contemplados no livro didático e esses, em sua grande maioria, são seguidos por exercícios de abordagem dos aspectos gramaticais do texto.

Essa postura adotada ratifica o que Abreu (2006, p. 19) afirma ao falar sobre o posicionamento da escola diante da abordagem dos textos para a formação do leitor: “A escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente do seu gosto pessoal”. Se essa rotina de sala de aula é alterada de alguma forma no ato de mediação da leitura, é possível perceber também uma alteração na postura assumida pelos discentes diante do trabalho com o texto literário.

Para nós, esse fato evidenciou-se já a partir da observação de registros dos alunos nos diários de leitura elaborados durante as oficinas. Neles, ficou perceptível o entusiasmo dos discentes com a leitura do cordel *Papo de Sapo*, de Hadoock de Aninha. A vivência com o folheto em sala de aula possibilitou o despertar nas crianças do interesse, não somente pela leitura dos versos, mas também pelo ato de manusear o folheto, ou seja, os alunos apresentaram desejo de ter em mãos a obra em seu suporte de publicação, visto que o cordel que as crianças conheciam até então tinha sido apresentado através da leitura oralizada pelo professor, sem que tivessem contato com a materialidade do texto.

Assim sendo, acreditamos que a escolha pela Literatura de Cordel para a abordagem em sala de aula deve acontecer por inúmeros motivos. Entre eles, é possível citar aspectos como o suporte, a linguagem, a musicalidade dos versos e suas várias temáticas como elementos que tornam a leitura mais atraente e prazerosa, uma vez que também a partir dela está direcionada a apropriação de valores enraizados socialmente e

que podem ser vivenciados a partir do texto literário. Nesse sentido, a Literatura de Cordel, enquanto manifestação da cultura popular que abarca múltiplos ensinamentos, favorece discussões transversais de forma que a comunicação e o conhecimento de mundo desse leitor possam ser ampliados.

Isso posto, destacamos a pertinência do fato de o texto literário tornar-se um meio de ligação entre o leitor e o mundo a sua volta, o que nos levou a perceber que houve o reconhecimento de um vínculo entre o vivido social e culturalmente por parte dos alunos, já que o vivenciado/evocado através do texto literário, no ato da leitura, suscitou vários pontos das discussões ocorridas em sala de aula. Esse aspecto, possibilitado pela narrativa poética, pode favorecer não somente a leitura literária, mas também ampliar esse processo de identificação através do processo de escolha/seleção dos textos a serem levados para o contexto escolar, tomando como ponto de partida obras que abordem temáticas próximas do contexto dos discentes.

Entre essas temáticas, podemos destacar as narrativas centradas na temática dos bichos. Elas trazem em seus enredos diversas abordagens sobre o mundo dos animais, que são apresentados ao leitor com diferentes propostas discursivas que vão desde as questões sociais até a evocação de um cenário mítico em que os bichos falam, evocando as histórias contadas pelo povo.

A abordagem dessa temática da Literatura de Cordel pode ser amplamente trabalhada no espaço escolar, pois as narrativas poéticas que versam sobre os animais criam um elo de intimidade entre o leitor e o texto. Assim, o recurso utilizado pelo poeta no folheto *Papo de Sapo* remete o leitor à fantasia que circunda essas narrativas. Essa abordagem temática permitiu perceber, através dos comentários dos discentes durante a leitura do folheto, que houve um fortalecimento do senso crítico mediado pela discussão acerca dos personagens, suas características, suas falas e suas ações. Nessa experiência, os alunos se posicionaram quanto às atitudes do homem e quanto ao desrespeito pela natureza, como também foram criativos nas possibilidades de um final alternativo para a narrativa, visto que o cordelista não deixa de forma evidente o desfecho da história, possibilitando, assim, diferentes interpretações com relação ao final do sapo.

As observações feitas pelas crianças sobre o folheto *Papo de sapo* permitiram perceber também como a mediação é importante no processo de construção de

interpretação do texto, principalmente quando é selecionado para o trabalho em sala de aula o texto em suporte de folheto, especialmente um cordel de um poeta local e contemporâneo, que desenvolve uma abordagem, ao mesmo tempo, seguidora de uma tradição narrativa e, também, atual, no que se refere à temática abordada.

Diante do cenário em que o folheto é recebido por todos como objeto estético significativo, que possibilita interpretações diversas, deparamo-nos também com a recepção positiva desse texto junto às famílias. Nesse sentido, acreditamos que envolvê-las na realização da leitura do cordel foi um fator chave para a valorização do vínculo escola-família, haja vista que essa possibilidade de leitura coletiva em casa ajudou a estabelecer e fortalecer as relações entre ambas essas instituições.

Sobre a recepção dos textos, destacamos também a aproximação e articulação entre criança-família-escola a partir da leitura centrada na temática dos animais. Verificamos uma participação ativa das famílias dos discentes na atividade proposta, perceptível no reconhecimento sobre a importância do trabalho com textos como o que fora indicado. Assim, observamos o fortalecimento da empatia e da conexão dos familiares no que se diz respeito à aprendizagem das crianças como um todo.

Esse conjunto de ações resultou em uma recepção única em que a poesia de cordel e as crianças, enquanto leitores em construção, estavam envolvidas na promoção da escola como lugar legítimo de formação do sujeito e da família como apoiadores desse entrelaçar de abordagens. Esse cenário foi favorecido pela mediação da literatura de cordel em sala de aula, bem como o entendimento de que essa literatura pode despertar na criança o prazer pela leitura de outros textos e até de outros gêneros literários.

Considerações finais

A elaboração e a aplicação de propostas metodológicas para um trabalho de mediação do texto literário em sala de aula sempre se apresentam como ideias bem-vindas para aqueles que têm a árdua missão de formar leitores em nosso país. Para tanto, é preciso que essas iniciativas não sejam entendidas como receitas prontas, mas como sugestões a serem pensadas, planejadas, adaptadas às diferentes realidades que encontramos em nossas escolas.

Pensar essa mediação tomando como texto-base um folheto da Literatura de Cordel é algo que acreditamos contemplar não somente a possibilidade de uma leitura que explore o aspecto plurilíngue, presente na narrativa poética, mas muitas outras abordagens que se abrem no contexto das estrofes do folheto. Especialmente quando estamos falando do folheto de um poeta local e contemporâneo, que desenvolve uma abordagem, há um só tempo, seguidora de uma tradição narrativa e atual no que se refere à temática abordada.

Assim, esperamos que este estudo possa contribuir para ampliar as reflexões e debate sobre o trabalho com a poesia popular em sala de aula, numa perspectiva em que o cordel seja compreendido em sua totalidade, enquanto produção artística cultural, próxima a nossa realidade e acessível as nossas crianças, além de entender o cordel sob os aspectos interdisciplinar e emancipatório.

Desse modo, pensamos e desenvolvemos uma proposta metodológica, que pudesse ser abordada no âmbito da sala de aula e que tem como ponto de partida a mediação do folheto *Papo de sapo*, do poeta popular Hadoock de Aninha, e oficinas didáticas, guiadas pelas colocações das estudiosas Giroto e Souza (2010). A nossa sugestão apresenta-se, portanto, como mais uma proposição para que as crianças possam criar caminhos que as leve à compreensão do texto, ampliando também seu vocabulário e o seu entendimento acerca do que o folheto apresenta, pois acreditamos que trabalhar com o texto poético na escola é aproximar os alunos desse universo mágico da leitura de maneira prazerosa.

Referências

- ABREU, Márcia. *Cultura letrada: literatura e leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- ANINHA, Hadoock de. *Papo de Sapo*. Currais Novos/RN, 2018.
- AYALA, Maria Ignez Novais. Riqueza de pobre. In. *Literatura e sociedade: Revista de teoria literária e literatura comparada USP*, São Paulo; n. 2, p. 160-169, 1997.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética. A teoria do romance*. 2. ed. Tradução de Aurora F. Bernardini. et al. São Paulo: Ed. da UNESP; Ed. Hucitec, 1990.
- BRADESCO-GOUDEMAND, Yvonne. *O ciclo dos animais na literatura popular no Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

CORACINI, Maria José R. Faria. Concepções de Leitura na (Pós-) Modernidade. *In:* CARVALHO, Regina Célia de.; LIMA, Paschoal. (Orgs.). *Leitura: Múltiplos Olhares*. São Paulo: Ed. Mercado de Letras, 2005.

GIROTTO, Cyntia Graziella Guizelim Simões; SOUZA, Renata Junqueira de. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. *In:* SOUZA, Renata Junqueira de. (Org.) *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, Mercado de Letras, 2010.

HELD, Jacqueline. *O Imaginário no Poder: as crianças e a literatura fantástica*. Tradução de Carlos Rizzi. São Paulo: Summus editora, 1977.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura e compreensão de texto falado e escrito como ato individual de uma prática social. *In:* ZILBERMAN, R.; SILVA, Ezequiel Theodoro. (Orgs.). *Leitura: Perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 1988.

MELO, July Rianna de; SILVA, Aleksandro da; GALVÃO, Ana Maria de. O gênero discursivo cordel: com a palavra, os cordelistas. *In:* FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro; MARQUES, Francisco Cláudio Alves; BULHOES, Ricardo Magalhães (Orgs.). *Literatura de cordel contemporânea*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2020.

MENEZES, Danielle de Almeida; ZYNGIER, Sonia. A literatura na sala de aula: estudo empírico sobre a formação do professor. *In:* ANDRADE, Antonio (Org.). *Leitura literária em línguas estrangeiras/adicionais: Perspectivas sobre ensino e formação de professores*. Campinas/São Paulo: Pontes Editores, 2022.

PINHEIRO, Hélder. Cordel para crianças e permanência da tradição oral. *In:* FERREIRA, Eliane Ap. Galvão Ribeiro; MARQUES, Francisco Cláudio Alves; BULHOES, Ricardo Magalhães (Orgs.). *Literatura de cordel contemporânea*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2020.

PINHEIRO, Hélder. *Poesia na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2018.

PINHEIRO, Hélder. O que ler? Por quê? A literatura e seu ensino. *In:* DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos de ensino da literatura. *In:* DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

Recebido em: 31/01/2024

Aceito em: 28/03/2024